

# Açoriano Oriental

0,95 €  
IVA inc.

www.acorianooriental.pt

## Regional

### Dois sismos de grau 3 na escala de Richter na Povoação

CIVISA registou dois sismos na freguesia da Ribeira Quente **PÁGINA 36**

## Desporto

### Nove troços para decidir o título no Rali do Pico

**PÁGINA 22**

# Governo prevê investimento de 752 milhões no próximo ano

O presidente do Governo, Vasco Cordeiro, anunciou que a anteposta do Plano de Investimentos para 2018 é de 752 milhões de euros, sendo que metade da verba está destinada ao emprego e crescimento económico **PÁGINAS 6,7E8**

## Regional

### Jovens "correm" contra a exclusão social

Projeto procurou através do desporto desenvolver competências de liderança, coesão de equipa, ansiedade e gestão da frustração em 72 jovens numa situação de risco **PÁGINA 3**



DIREITOS RESERVADOS

**DECATHLON**  
DESPORTO PARA TODOS - TUDO PARA O DESPORTO

FATO DE TREINO GINÁSTICA  
OTIM Y CROMADA

RESPIRÁVEL **6,99€**

QUALIDADE A PREÇOS SEMPRE MAIS BAIXOS

SAÍDA / EXIT HOSPITAL

**Feira de VINHOS**  
DE 26 DE SETEMBRO A 15 DE OUTUBRO DE 2017

15% SUPER PREÇO

70% SUPER PREÇO

2,99€ UNID.

PERA DOCE PREMIUM TINTO

GARRAFA: 75CL €3,99/L

O QUE RENDE É IR AO CONTINENTE

**Agriloja**

POUPE 15%

25,90€  
**21,99€**

Alimento Seco p/ Cão Adulto Alta Energia 18Kg

0209 0166866

Agriultura · Azeite · Pesca · Agricultura · Biotecnologia · Cão

RESTAURANTE O MARINEIRO

Peixe fresco do dia  
Marisco vivo  
Carnes regionais  
Petiscos diversos

Servindo os Açorianos desde 2009

Todos os dias das 12h00 às 24h00

Parlhada de peixe e marisco

PORTAS DO MAR LOJA 3 296 629 524 / 916 368 887 geral@omarineiro.com www.omarineiro.com

# Obras de misericórdia IV

A matéria da crónica de hoje diz respeito às remanescentes obras de misericórdia corporais, que passo a elencar, caso algum leitor mais distraído se tenha esquecido: visitar os enfermos, visitar os presos e enterrar os mortos. Perceber-se-á facilmente porque estão juntas as quinta e sexta obras de misericórdia, uma vez que ambas falam exatamente da mesma atitude – ir ao encontro do próximo, levar conforto, não deixar os mais fragilizados entregues a uma solitária sorte –, e a estas juntou-se a última por não ter “grande história”, ou seja, tratar-se de algo – o culto dos mortos – que que tem vetusta história e que ainda hoje continua a ser respeitado.

Bem, vamos falar de visitar os enfermos? Considera o leitor que vale a pena? Valerá? Ah, sim, Sim, muito sim. Dos enfermos e, já agora, embora não caiba nas obras de misericórdia, dos velhos. Claro, leito, muito claro, falar desses velhos que estão nos lares da terceira idade, como hoje se diz. Terceira idade, idosos, enfim,



**PENSO, LOGO  
ESCREVO  
PAULA DE  
SOUSA LIMA**  
PROFESSORA/  
ESCRITORA

eufemismos tão respeitosa, que, hoje em dia, ninguém desrespeita os velhos chamando-lhes velhos, é óbvio. Também é óbvio que a vida agitada dos nossos dias não se compadece com ter em casa a mãe idosa ou o pai da terceira idade. A vida é de bulício, e os anciãos requerem muitos cuidados, exigem muita disponibilidade, precisam de muito tempo – coisas

que são luxos já completamente fora de modo. Então o pai ou a mãe vão parar a um lar. Pronto. Tão simples. De mais a mais, no lar estão muito melhor, têm todo o tipo de cuidados, de disponibilidade, de tempo – explicam os filhos aos amigos, e os interlocutores desses filhos anuem, até porque também têm os pais num lar – muito bom, muito jeitoso, lá os idosos têm de tudo. Ainda bem. E ainda bem porque os filhos e os netos não têm disponibilidade para ir visitar os velhos. E, claro, também é pouco o tempo para visitar algum enfermo que ainda seja jovem – embora neste caso se arranje um tempinho.

A sexta obra de misericórdia quase parece anedota – quem é que se ia lembrar de visitar os presos, essa gente que é mesmo da mais baixa ralé, que roubou, matou, violou, vendeu droga, assaltou, pôs bombas em caixas do multibanco, e por aí fora, enfim, fez tudo ao contrário do que manda a lei de Deus (que já não interessa muito, mas enfim) e lei dos homens? Mas não é certo que os presos – ou detidos, como queiram – sejam tão solitários como os anciãos. De facto, ainda há um número razoável a quem a família mais próxima visita, normalmente os que se viram privados da liberdade por crimes menores. Fora da família, francamente, não lembra ao diabo – ia agora eu visitar gente tão vil, tão baixa, e que não conheço de parte nenhuma? Vá o senhor padre. E não é que alguns membros do clero – Deus os recomendará – ainda vão levar apoio moral às cadeias? Pois é. Vão, falam com os temíveis criminosos, rezam missa, provavelmente absolvem pecados que o mundo não perdoa. E os professores, essa classe cada vez mais desautorizada, também vão aos estabelecimentos prisionais, levar saber, levar hori-

zontes que as grades não podem encarcerar.

Quanto ao enterrar os mortos, bem, esta obra de misericórdia não a deixa praticar nenhuma família minimamente decente. É sabido que a morte se encarrega de colocar um grosso e impenetrável manto sobre os pecadilhos e mesmos sobre os grandes erros de cada um. Depois de morta, a pessoa como que se angeliza. Logo bem merece um digno funeral, com muitas flores, algumas – ou muitas, depende da sensibilidade da família – lágrimas e missa, não só de corpo presente, mas também do sétimo dia. Tudo merece quem morre. Até o velho que está no lar, que já nem se lembra da última vez que recebeu visitas. Morra o velho, e um bonito funeral lhe darão, com flores, lágrimas, missas e palavras laudatórias. Afinal, a tradição é para se cumprir, ou não é?\*

## Diga Leitor

### Os Azulejos da Quinta da Conceição nas Capelas

No dia 12 de Agosto de 2012, no número 17993 deste jornal, publicou-se um artigo sobre o arquiteto Álvaro Augusto Machado e parte da sua obra. Nestes edifícios foram realizados conjuntos azulejares do pintor lisboeta José António Jorge Pinto. Este pintor nasceu na freguesia da Lapa no dia 20 de Setembro de 1875. O pai era Pedro José Pinto, irmão do pintor Manuel Henrique Pinto, este último amigo do pintor José Malhoa.

Iniciou os estudos na então Real Academia de Belas Artes de Lisboa, em 1890, e teve como colega de curso o pintor Benvido An-

tónio Ceia (autor da azulejaria no altar mór da Matriz de São Miguel de Vila Franca do Campo, 1911). Onde foram discípulos dos pintores José Ferreira Chaves e José Maria Veloso Salgado.

Durante o curso envereda pela cerâmica e no final do século XIX entra em contacto com a Fábrica Constância. Nesta fábrica desenvolveu parte do seu trabalho, tendo obtido êxito nas peças produzidas. O êxito levou-o a participar em 1904 na exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes com peças em faiança (participou posteriormente na de 1905, 1906, 1915, 1918 e 1922). Este foi um ponto de viragem na sua carreira tendo ficado conhecido e recebido encomendas de particulares e de outras entidades. Pouco tempo depois abandonou esta manufatura e passa para a de Campolide, onde esteve pouco tempo, e logo depois passa a cozer nos seus fornos na freguesia da Ajuda, onde morava.

Neste período reinterpreta a

Arte Nova, de origem francófona e germânica, de forma muito original. Expressa numa vasta obra de grande qualidade técnica e estilística. Na mesma época explora o gosto pela azulejaria setecentista mas modernizando-a. Este gosto pelas estilizações tradicionais continuaram a ser fonte de inspiração para o trabalho que desenvolveu posteriormente, sobretudo a partir da década de 10 até à de 30. Neste período colabora com a Cerâmica Arcolena, na freguesia de Santa Maria de Belém, em Lisboa.

O primeiro contacto conhecido com os Açores foi em 1916 na quarta Exposição de Belas Artes, realizada na Escola de Desenho Industrial Velho Cabral, a 28 de Maio em Ponta Delgada. Para esta exposição trouxe vários trabalhos em azulejo, parte dos quais tinham figurado na exposição de 1915 na Sociedade Nacional de Belas Artes em Lisboa.

No ano de 1933 realizou um conjunto azulejara para a Quinta

da Conceição, nas Capelas. Para esta moradia, ao gosto da casa à portuguesa (também com características micaelenses, sobretudo na cobertura), envereda pelas estilizações setecentistas mas, com certas particularidades. Usa um amarelo vibrante como fundo no painel do portão. Este é o primeiro registo que encontramos, deste período, onde utiliza esta cor como fundo. A designação Quinta da Conceição está emoldurada por rocagem, volutas e flores policromas Entre as janelas do primeiro andar e as do sótão há outro painel. Este tem os mesmos motivos na moldura que os anteriores mas, ao centro tem a imagem de Nossa Senhora. Na base tem a referência à Cerâmica Arcolena e a sua assinatura. Toda esta azulejaria adapta-se ao desenho arquitetónico e complementa-se cromaticamente com as cores do edifício. Este conjunto tem parecenças com outros trabalhos do pintor; nomeadamente: os painéis interiores no Pavilhão Carlos

Lopes (1922, Parque Eduardo VII); Casal Santa Margarida (1922, Sintra) e painel de São Marçal (1924, Rua Camilo Castelo Branco, Lisboa).

José António Jorge Pinto morreu a 9 de Setembro de 1945, na freguesia de Santa Maria de Belém, em Lisboa.\*

**ANTÓNIO FRANCISCO ARRUDA DE MELO COTA FEVEIRO**, ARQUITECTO E INVESTIGADOR

Os textos enviados para publicação nas rubricas “Diga Leitor” e “Carta ao Diretor” devem indicar nome, morada e telefone. Não publicamos os artigos assinados com pseudónimos ou iniciais. O Açoriano Oriental reserva-se ao direito de selecionar ou resumir por razões de espaço ou clareza. **Rua Dr. Bruno Tavares Carreiro, 34/36 - 9500-055 Ponta Delgada - São Miguel - Açores. Email: acorianooriental@acorianooriental.pt**



**Coordenadores Editoriais:**  
Luís Pedro Silva C.P.: 8232; Paula Gouveia C.P.: 5624  
**Editores de fecho de Edição:**  
Ana Paula Fonseca C.P.: 1886; Paulo Faustino C.P.: 7749;  
Rui Jorge Cabral C.P.: 6489

**Editor de fecho de Desporto:** Arthur Melo C.P.: 3538;  
**Editora de fecho de Nacional, Internacional, Aóntine e Revista Açores:** Ana Carvalho Melo, CP: 8034;  
**Serviço de Apoio Editorial:** Maria Cordeiro (Secretariado de Redação e Planeamento).

**ESTATUTO EDITORIAL:**  
www.acorianooriental.pt/pagina/estatuto-editorial  
**PROPRIEDADE:** AÇORMEDIA, COMUNICAÇÃO MULTIMÉDIA E EDIÇÃO DE PUBLICAÇÕES, S.A.

**CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:**  
Daniel Proença de Carvalho (Presidente)  
Victor Ribeiro, Teresa da Graça, Pedro Gonçalves de Melo e José Carlos Lourenço (Administradores).  
Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Ponta Delgada  
Capital Social € 500.000 - NIPC 512.042.640

**Sede:** Rua Dr. Bruno Tavares Carreiro, 34/36  
9500-055 - Ponta Delgada, São Miguel - Açores  
Telef.: 351 296 202 800 (geral)  
Fax: Administração 351 296 202 825 - Redação: 351 296 202 826  
Email: Administração: acormedia@acorianooriental.pt  
Redação: acorianooriental@acorianooriental.pt

**Diretor Administrativo e Financeiro:** Daniel Correia  
**Diretor de Publicidade:** António Filinto  
**Departamento de Produção:** Amândio Botelho (Chefe); Carlos Sousa (Designer); Eduardo Resendes (Fotografia).  
**Publicidade:** Paulo Jorge (Chefe de Equipa de Vendas); Luísa Cabral (Produção).

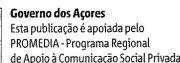
**Impressão:** Coingra, Lda. **Sede:** Parque Industrial da Ribeira Grande - Lote 33 9600-499 Ribeira Grande - S. Miguel - Açores.  
**Distribuição:** Notícias Direct e CTT  
Depósito Legal n.º 136635/99  
Registo ERC n.º 106992 (Açoriano Oriental) e n.º 219668 (Açormedia, S.A.) - ISSN 0874 - 8705  
Detentores com mais de 5% do Capital Social:  
Global Notícias-Media Group, S.A. (90%), António Lourenço de Melo (10%)  
**Tiragem média diária de agosto de 2017:** 4350 exemplares



Porto Pago



Membro honorário da Ordem do Infante Dom Henrique



Governo dos Açores  
Esta publicação é apotada pelo PROMEDIA - Programa Regional de Apoio à Comunicação Social Privada



APCT



VISA PRESS  
Ordem de Autor Patrocinada  
Medalha de Ouro do Município de Ponta Delgada